

Transplantes de rins podem chegar a 70

Cal Moreira

O Hospital de Base do Distrito Federal já realizou este ano 51 transplantes de rins e 55 de córneas, sendo que no primeiro caso a expectativa é de chegar a 70 até dezembro. O diretor do HBDF, Mauro Guimaraens, afirmou que Brasília infelizmente é um “celeiro de doadores”, devido ao grande número de mortes por acidentes de trânsito. Mas que ainda falta um pouco de conscientização da importância desse gesto, principalmente por parte dos familiares.

Apenas um doador pode atender oito pacientes, pois são aproveitados os dois rins, o pulmão, o coração, as duas córneas, o fígado e o pâncreas. No HBDF, até o momento são realizados transplantes de córneas e dos rins, mas quarta-feira será inaugurado um centro também para os cardíacos. “No próximo dia 7, estaremos com 29 leitos para cirurgia cardíaca e um aparelho que acabamos de adquirir, o cineangio-coronariográfico, que custou aproximadamente 60 mil dólares. Estamos precisando agora de ecógrafo com doppler, que custa 200 mil dólares, inclusive já fizemos o pedido para a Fundação do Banco do Brasil e estamos esperando uma resposta.

Segundo o diretor do HBDF,

no hospital existem pessoas treinadas tecnicamente para realizarem todos os tipos de transplantes. “Temos equipes aptas para o transplante do pulmão, coração, fígado e pâncreas, pois estão realizando cirurgias experimentais há mais de um ano, além de terem feito estágios nos Estados Unidos e em São Paulo”, afirmou. Para Mauro Guimaraens, a doação de órgãos sempre é o maior problema, pois trata-se de uma questão cultural. “O ideal seria que o País se igualasse à situação existente na Europa, onde todos são doadores em potencial. Aqui muitas vezes a pessoa manifesta essa vontade em vida e depois a família não aceita. Mas apesar de tudo, com a ajuda dos veículos de comunicação a situação está se transformando um pouco. Por exemplo, depois que a novela De Corpo e Alma tocou no assunto, o número de doações aumentou bastante. Por isso acredito que qualquer campanha de informação feita pela imprensa seja de muita valia”, completou.

O diretor do HBDF disse que não há limite de idade para ser um doador, basta os órgãos estarem funcionando perfeitamente. “Em primeiro lugar, deve ser constatada a morte cerebral da pessoa, o que é feito através de exame clínico, realizado por três médicos que não irão tomar parte na cirurgia de transplante, isto é uma norma legal para não haver

suspeitas de que os médicos estariam forçando a doação”, explicou. As córneas são as mais resistentes, podem esperar pela cirurgia por um prazo de seis horas. O coração deve estar com a pressão arterial normal, por isso o processo tem que ser bem mais rápido, assim como nos casos dos rins, fígados, pulmão e pâncreas. “É importante frisar que após se diagnosticar a necessidade de fazer um transplante cardíaco, o paciente tem um tempo de sobrevivência de apenas seis meses”, salientou Mauro Guimaraens.

Mas mesmo depois de ter sido feita a doação, o paciente ainda não encerrou seu calvário de espera. Com exceção do transplante das córneas, para todos os outros é preciso fazer o teste de compatibilidade sanguínea. “Muitas vezes o paciente tem sorte e consegue passar logo também nesta etapa, mas outros, não têm a mesma chance e ficam esperando por até quatro anos”, disse Guimaraens. O médico disse também que os imunossupressores, que são medicamentos que bloqueiam a rejeição do corpo, transformaram a época atual, na geração do transplante. “As pessoas agora têm a possibilidade de trocar qualquer órgão que não esteja funcionando bem e depois prosseguirem com sua vida de forma absolutamente normal, é o milagre da tecnologia, finalizou Guimaraens.